

O PACTO AUTOBIOGRÁFICO EM GAROTAS MORTAS DE SELVA ALMADA

Tânia Corrêa de Oliveira ¹
Ana Carolina Teixeira Pinto²

RESUMO

O presente trabalho consiste em analisar a obra auto-declarada não ficcional *Garotas Mortas*, onde a autora, a escritora argentina Selva Almada constrói um romance realista em que ela própria é uma das protagonistas. Almada surge como uma voz contemporânea contra o feminicídio e pela luta das causas feministas, o título da obra já é um prenúncio sobre o que acontece. Em sua obra de jornalismo literário, a autora não visa solucionar os fatos, sua intenção é expressar a verdade dos acontecimentos, a sua verdade, e para isso ela estabelece com o seu leitor um pacto de leitura, apresentando ao longo da narrativa situações vividas por ela e por pessoas que realmente existiram. E é nesse contexto em que ela se engaja com a verdade que o pacto autobiográfico é firmado. E assim discorrendo sobre assuntos tão duros como a violência de gênero, visa-se dar visibilidade ao processo de ocupação de espaço pela mulher no universo literário e às narrativas de autoria feminina.

Palavras-chaves: Feminismo, Garotas Mortas, Escrita Feminina, Narrativas, Pacto Autobiográfico, Selva Almada.

INTRODUÇÃO

O movimento feminista, embora, ainda seja pequeno em termos de visibilidade social e por conta dos estereótipos que permeiam o termo, atualmente vem conquistando espaços de fala na sociedade, trata-se de um movimento coletivo que vai além das perspectivas individuais, o qual luta pela desconstrução dos pré-conceitos que a nossa sociedade patriarcal construiu sobre a mulher. Refere-se a uma jornada histórica por liberdade e reconhecimentos para que privilégios sexistas deixem de existir, pois são anos de enfrentamentos que a cada manifestação de esforços se revigora para que o

¹ Acadêmica do Curso de Letras Português e Espanhol- 10º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. (taniacorrêadeoliveira@gmail.com)

² Doutora em Literatura pela UFSC. Orientadora. Professora do Curso de Letras Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. (anacarolinatpinto@gmail.com)

feminismo seja visto realmente como uma potência transformadora. Para a teórica Bell Hooks: “O movimento feminista é vital tanto por seu poder de nos libertar das terríveis garras da opressão sexista quanto por seu potencial para radicalizar e renovar outras lutas de libertação”. (2019, p. 77)

Assim como em tantas esferas sociais, no campo da literatura às mulheres também foram silenciadas por muito tempo, e a escrita literária marcada pela presença de mulheres autoras, começou a aparecer mais potencialmente somente a partir da década de 60, com o advento do movimento feminista. Anterior a isso o discurso predominante nos escritos, sempre foi do ponto de vista masculino, e sabe-se que

Aquelas poucas que tinham o privilégio de serem alfabetizadas escreviam cartas, e algumas mais do que isso, mas não compartilhavam e muito menos publicaram seus escritos, com algumas exceções, e mesmo assim muitas usavam pseudônimos masculinos. (ROMANELLI, 2014, p.15)

Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero* (2016, p. 18), enaltece isso pontuando que o discurso feito pelo outro é uma representação que pode revelar ou distorcer o que é tido como verdadeiro sobre as mulheres, além de que, por todo esse tempo a vida das mulheres foi representada a partir da perspectiva masculina, ou simplesmente não representada na literatura, por isso para a teórica feminista se faz necessário o desenvolvimento de um repertório de obras capaz de representá-las.

Entendemos que esse repertório vem crescendo nos últimos anos, com o avanço da quarta onda do feminismo- momento atual do movimento- que utiliza os meios de comunicação como as redes sociais para sua difusão maciça. Observa-se que a literatura feminina também passou a ganhar espaço para a sua disseminação, isso porque a internet deu voz a vários grupos de mulheres “Na internet, essas mulheres encontraram oportunidade para articular a própria luta contra a violência de gênero – violência esta que se manifesta de diversas formas tanto no ambiente público quanto no âmbito privado” (SILVA, 2019, p. 27).

Sendo assim o feminismo surge como um espaço de luta pelo direito de ser quem se é, pela busca de equidade, pela consolidação da construção de si, que também passa por uma construção narrativa, pois “Toda existência humana é uma vida em busca de uma narrativa” (KEARNEY, 2012, p. 412). Visto que, toda narrativa de vida se constrói com base em uma sequência de fatos que se relacionam entre si, o presente trabalho visa explorar o pacto autobiográfico na construção de narrativas de não ficção, a partir de

algumas postulações sobre autobiografia presentes na teoria do professor e ensaísta francês Philippe Lejeune, tendo a figura feminina como centro dos acontecimentos, evidenciando assim, como às violências diárias contra às mulheres terminam por fazer parte de algo considerado normal, ao passo que ao contar/ escrever a história de uma mulher tantas outras são representadas, e por meio disso reflexionar sobre a valorização da escrita de autoria feminina e do espaço de ocupação da mulher no universo literário.

Para tanto, fazemos uma leitura da obra *Garotas mortas* (2018) traduzida para a Língua portuguesa por Sergio Molina - *Chicas muertas* (2014) na versão original, de autoria da escritora argentina Selva Almada. Na obra, a autora constrói um romance de não ficção realista, onde ela própria é uma das protagonistas. Selva, como narradora, tece pontos críticos e polêmicos sobre suas primeiras vivências de jovem adolescente com o feminicídio, e conta as peripécias de sua investigação enquanto mulher adulta desses mesmos crimes.

Com isso, o objetivo deste artigo é analisar a obra auto-declarada não ficcional- *Garotas mortas*, a partir dos pressupostos teóricos do pacto autobiográfico, apresentando elementos constitutivos na obra de Selva Almada que indiquem essa construção do fazer autobiográfico. E assim, discorrer sobre feminismo e feminicídio, como uma espécie de alerta e reflexão sobre as pequenas formas de violência cotidianas que as mulheres sofrem e nem se dão conta, sejam estas, violências físicas, morais, sexuais ou psicológicas, escancarando com isso a perversidade da cultura patriarcal.

O FEMINISMO E A NECESSIDADE DE NOVAS CONSTRUÇÕES NARRATIVAS

O feminismo que aqui vamos discorrer brevemente é sobre uma luta, uma urgência de liberdade para todos, que independente de como se identificam geneticamente, reconheçam que existe um problema social e histórico para com as mulheres e outras minorias. As situações de aceitação e subordinação estão incrustadas em nosso âmago social. Para tanto é sobre isso, e por isso, que o feminismo é uma urgência, é preciso que o movimento saia do senso comum e chegue a todos manifestando seu real sentido de libertação e acolhimento para todas as mulheres e outras minorias.

São muitas as barreiras que dificultam essa busca por liberdade e reconhecimento, há muita coisa para ser desconstruída entre o discurso e a prática. É necessário que haja

uma compreensão sobre singularidade, pois são justamente as diferenças que tornam as pessoas únicas. E assim despretensiosamente, ou não, as histórias vão se construindo, contrapondo fatos, relatando coisas, grandiosas ou não, dando voz a fatos silenciados ou somente enaltecendo pessoas e situações, e com isso mantendo a vivacidade das coisas.

Deste modo as histórias vão se desencadeando em um enredo próprio, e considerando que “a vida está sempre a caminho da narrativa, mas não chega lá até que alguém escute e conte essa vida como uma história” (KEARNEY, 2012, p. 415). É o que Selva Almada faz, um resgate das suas próprias memórias sobre a morte de mulheres, em uma investigação pessoal a três crimes de feminicídios ocorridos no interior da Argentina na década de 1980. Por meio de seus escritos ela põe em prática o papel social, histórico e artístico da escrita como registro, memória e documento, como documento para uma presente e futura construção de uma história mais plural e menos tendenciosa.

Em 2018 Selva Almada veio ao Brasil participar da 16ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em uma das mesas mais concorridas do evento Almada apresentou seu livro *Garotas Mortas* e debateu temas como feminicídio e machismo com a filósofa Djamila Ribeiro. Neste evento em entrevista para o jornal *El País*, a escritora que se autodeclara feminista e ativista, conversou sobre feminismo

Eu sempre senti que vivia de acordo com a ideia feminista, tratando de levar uma vida feminista, mas nunca havia participado publicamente de algum movimento. Por isso, não sabia se podia ou não chamar-me de feminista. E a verdade é que até muito pouco tempo atrás também havia uma visão muito negativa em relação ao feminismo, havia muitos preconceitos, que, com o tempo, foram se desmanchando, mas que ainda estão presentes em uma grande parte da sociedade. Coisas básicas como acreditar que as feministas são mulheres que querem matar os homens ou que querem uma sociedade sem homens. Mas, por sorte, as gerações mais jovens, as meninas que têm hoje entre doze e vinte anos, dizem-se justamente feministas, abraçam a causa, saem às ruas e leem teoria feminista. É um avanço tremendo em relação à minha geração. (DE OLIVEIRA, 2018)

Manuela D'Ávila, em *Revolução Laura*, também revela sua atuação tardia no movimento feminista. A ativista brasileira explica como, em sua juventude, o feminismo era coisa do passado, no entanto, ao longo dos anos de sua atuação na política percebeu como a desigualdade econômica e social é muito mais cruel com as mulheres. (D'ÁVILA, 2019, p. 154). *Revolução Laura* também entra na classificação de não-ficção e também

poderia ser submetido a uma análise considerando o pacto autobiográfico, reforçando a existência dessa quarta onda do movimento feminista a qual estamos vivendo. Na introdução a autora já nos revela: “Este livro não linear é um recorrido mental e afetuoso de impressões [...] São apenas registros de uma mulher, mãe de uma criança de dois anos [...] Que não pretende ser um livro de história” (D’ÁVILA, 2019, p. 9).

Bell Hooks já aponta para a necessidade do relato da realidade feminina: “... é necessário que as ativistas feministas frisem que a habilidade de enxergar e descrever a própria realidade é um passo significativo no longo processo de autodescoberta, mas compreende apenas o começo da jornada” (2019, p. 57). Almada inicia essa jornada resgatando narrativas que permearam seu imaginário de adolescente no interior da Argentina.

Andrea Danne, 19 anos, assassinada enquanto dormia em sua casa com uma única punhalada no coração. María Luisa Quevedo, 15 anos, estuprada e estrangulada, seu corpo foi abandonado em um terreno baldio. Sarita Mundín, 20 anos, desaparecida por nove meses, até encontrarem seu esqueleto às margens de um rio. “Eu não sabia que uma mulher podia ser morta pelo simples fato de ser mulher, mas tinha escutado histórias que, com o tempo, fui ligando.” (ALMADA, 2018, p. 13). Andrea, Maria Luiza e Sarita integraram as estatísticas de crimes cometidos contra mulheres, e seus criminosos, segundo as investigações expostas no livro de Almada, seguem até hoje impunes.

De acordo com a autora do livro *Feminismo na atualidade: A formação da quarta onda*, Jacilene Maria Silva

O feminicídio tem marcas muito fortes na América Latina, afinal, embora seja uma das regiões do planeta que mais avançaram recentemente na criação de legislações com intuito de combater a violência contra mulheres, ainda se destaca por casos de violência extrema e diferenças imensas no que se refere a gênero.(SILVA, 2019, p. 29)

Assim, ao mesmo tempo em que segue a investigação sobre os assassinatos, Almada lembra episódios sobre machismo presenciados por ela, que são tidos como fio condutores da narrativa

Não me lembro de nenhuma conversa específica sobre violência de gênero, nem que minha mãe fizesse alguma advertência expressa sobre o tema. Mas ele sempre estava presente: quando falávamos da Marta, a vizinha espancada pelo marido... O tema também estava presente quando falávamos da Bety, a dona da mercearia que se enforcou num telheiro nos fundos de sua casa. Todo o bairro

dizia que ela apanhava do marido e que ele sabia bater, porque não se viam os roxos... E também quando falávamos da mulher do açougueiro López. Suas filhas iam à mesma escola que eu. Ela o denunciou por estupro. Fazia tempo que, além de lhe bater, o açougueiro abusava sexualmente dela. (ALMADA, 2018, p. 35-36)

Por isso ser mulher é algo tão árduo, instauraram-se muitos julgamentos sobre as mulheres, e a sociedade cobra um padrão que é utópico, pois cada uma traz consigo a sua história e as realidades divergem, porém se aplicam as mesmas leis para realidades díspares, no entanto, “As histórias foram usadas para caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (ADICHIE, 2019, p. 32), e é por isso que todas as histórias importam e mais ainda, é por isso que enxergamos a necessidade de nós, mulheres, contarmos a nossa própria história.

O feminismo nos dá uma biografia. Ele é a narrativa de si, a autoavaliação crítica e autocrítica das mulheres. A narrativa daquelas pessoas que não tiveram narrativa, que não tiveram direito a uma história. Por meio dessa história que vem sendo construída e que tem um longo caminho pela frente, o feminismo nos dá a chance de nos devolver ao nosso tempo, ao nosso pensamento, ao nosso corpo. (TIBURI, 2019, p. 102)

A violência que o título da obra convoca -*Garotas Mortas*, já é um prenúncio do que iria acontecer, a morte como uma interrupção, o fim da vida, aqui se apresenta como um eco da violência que mora na imposição cultural, linguística e de gênero. Tema esse que Selva Almada já trouxe em seu primeiro livro *Mal de muñecas* (2003) o livro reúne alguns poemas e um relato em prosa, acompanhado de ilustrações. O poema “Matemos a las Barbies”, por exemplo, fala sobre o lugar da mulher e do homem no sistema patriarcal, a violência dos mandatos sociais nos corpos e as tensões fronteiriças nas misturas linguísticas e culturais.

O foco deste poema não é o objeto em si, a boneca Barbie, mas sim o que ela representa, o padrão idealizado de corpo magro, pele macia, alta estatura, cabelos lisos, cintura fina. O mercado consumista e midiático está sempre vendendo essa ideia de que a nossa identidade está diretamente relacionada ao corpo, à aparência física, e isso faz com que a grande maioria das mulheres se sintam obrigadas a seguir aquele padrão, para assim se sentirem pertencentes ao grupo estereotipado, e é por isso que não se encaixar nos padrões exige das mulheres argumentos que justifiquem suas escolhas.

Aqui no poema, a morte se apresenta como uma metáfora, ela traz essa simbologia de que é preciso matar esse estereótipo, esse padrão idealizado, para assim

desconstruirmos tudo isso. Já no livro *Garotas Mortas*, a morte já não é mais usada como metáfora, trata-se, literalmente, de mortes de vidas reais. Estas mortes, metafóricas ou não, fazendo parte desse novo repertório de narrativas, podem ser pensadas como o meio para alertarmos às mulheres sobre a violência de gênero e potencializarmos a importância do movimento feminista. Precisamos falar dessas mortes para desconstruir-nos, construir-nos e sobretudo, sobreviver como mulheres.

NARRATIVAS DE AUTORIA FEMININA

Desse modo, também se estabelece uma conexão entre a escrita autobiográfica e o feminismo. Podemos afirmar que a autora ao expor sua biografia convoca as suas leitoras a também contarem as suas. “Por isso é que todas as feministas, de um modo ou de outro, quando escrevem, falam de si mesmas. Aprenderam que o feminismo lhes devolve a biografia roubada.” (TIBURI, 2019, p. 94).

Os conceitos e valores de cunho patriarcal firmados por séculos em nossa sociedade não desaparecem de um momento para outro, o processo envolve a quebra de paradigmas, pois “ ser mulher é sinônimo de vulnerabilidade social, de violências simbólicas e físicas que podem gerar respostas traumáticas”. (HOLLANDA, 2018, p. 92) O processo de mudança de mentalidade e comportamento é lento e conflituoso, e sobre essa ascensão do movimento feminista na configuração da produção literária, vale destacar o efeito político desses relatos biográficos pois como afirma a pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda:

Os atos de narrar, contar, se expressar artística ou literariamente, nesses casos, ganham efeito político. Essas artistas estão criando, ao trabalhar artisticamente o trauma, as formas sensíveis que dão voz à dor. Comunicam o intolerável. Não seria justo verificar nesse processo a construção de identidades calcadas no vitimismo. Pelo contrário, esses trabalhos criam laços de coletividade para construir novas condições de vida. Essa arte ecoa as vozes de milhares de pessoas que expõem seus relatos traumáticos nas redes e tem tomado as ruas por mais direitos. São como um complemento fundamental para as camadas do sensível aqui exploradas. (HOLLANDA, 2018, p. 92)

Portanto, entendemos que Selva Almada apresenta um importante espaço de debates sobre o feminismo, investigando e denunciando o feminicídio, e assim a autora vai ganhando destaque nesse processo de ocupação de espaço pela mulher no universo

literário como uma das grandes narradoras contemporâneas da literatura hispano-americana.

O apoio de escritores renomados também foi fundamental em sua carreira, sobretudo de Beatriz Sarlo grande escritora e crítica literária, sua conterrânea, que enaltece a obra de Selva Almada e conta que desde que leu o primeiro livro de Selva *O vento que arrasa* (2012), tinha certeza que estava diante de uma narradora original. Essas críticas impulsionaram a autora e seguramente colaboraram para o desenvolvimento da narrativa investigativa e biográfica de *Garotas Mortas*.

A professora e investigadora Ana Gallego Cuiñas enaltece que

En definitiva, Almada huye de lo simbólico, de la alta cultura y de la retórica, para trabajar con lo real mediante significantes de la educación social del patriarcado, la cultura de masas y la subjetivación de las mujeres, entremezclando múltiples puntos de vista: medios de comunicación, testigos, amigos, familiares, informes policiales, tarotistas, y el de ella misma. (GALLEGO CUIÑAS, 2020, p. 91)

E por discorrer sobre assuntos tão duros, porém necessários, Almada consegue recuperar um lugar que por muitos anos fora negado às mulheres, pois ao recorrermos à história rememoramos que foi por meio das lutas femininas que possibilitou-se a atuação da mulher na crítica e na literatura. Com isso, a discussão e a pesquisa acadêmica sobre o universo feminino foram ganhando visibilidade e ampliando a conscientização sobre a importância transformadora que é o feminismo.

A escritora peruana Sara Beatriz Guardia discorre sobre a importância de se ler mulheres “[...] trata-se de ler os textos escritos pelas mulheres, interpretando seus silêncios, e aquilo que criticam e interrogam da cultura tradicional, como meio de substituir o discurso falocêntrico e apropriar-se de uma identidade que lhes tem sido negada” (Guardia, 2013, p.16). Bem como, Duarte (1990) aponta que

[...] uma crítica literária de perspectiva feminista, apoiada em postulados como o da "participação consciente" e preocupada em encaminhar sua argumentação na defesa dos interesses da mulher, pretende a abolição dos estereótipos sexuais socioculturais, alguns considerados "naturais e imutáveis", bem como denunciar os preconceitos existentes num texto e apreender as imagens e símbolos associados ao signo mulher. (DUARTE, 1990, p. 20)

Assim, percebe-se que “o momento em que as mulheres ampliam significativamente sua participação na literatura e nas artes em geral, impõe-se mais que

nunca a formulação de uma estética de cunho feminista para dar conta das transformações aí ocorridas.” (DUARTE, 1990, p. 16). A literatura feminina está

[...] cada vez com mais força e lucidez, a romper os limites do seu próprio “eu” [...] para mergulhar na esfera do “outro”, - a do ser humano partícipe deste mundo em crise [...] o eu-que-fala, na literatura feminina mais recente, se revele cada vez mais claramente como “nós”. Em suma, nestes últimos anos, os problemas limitadamente “femininos” têm-se alargado no sentido de se revelarem ilicitamente “humanos”. (COELHO, 1991, p. 96)

CONSTRUÇÃO DO PACTO AUTOBIOGRÁFICO

Analisando os relatos da autora presentes na obra auto-declarada não ficcional podemos perceber os pressupostos teóricos do pacto estabelecido pelo seu contrato de leitura, que estão imbricados com a veracidade dos fatos, firmando assim o pacto autobiográfico. Este é reflexo do que fora vivido pelo “eu narrador” que é o mesmo do “eu autor”, com um único objetivo, o de ser verdadeiro independente de ser boa ou não.

Philippe Lejeune (2008) define o pacto autobiográfico quando o autor decide contar sua vida ou parte dela, comprometendo-se sempre com a verdade, porém há muitas polêmicas em torno desse pacto, isso porque é explícito a dificuldade em se saber até que ponto o autor está sendo verdadeiro. Mas como o pacto da veracidade está totalmente envolvido com o romance não ficcional, o que se põe em pauta aqui é a intenção de transparência da autora em expressar a verdade dos fatos, mesmo que seja a *sua* verdade, a verdade sobre a vida daquela que a viveu, que fala das suas próprias ações e testemunha os acontecimentos narrados, pois “por mais que a autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir.” (LEJEUNE, 2008, p. 66)

O ponto de partida da autobiografia é prescrito pela realidade das experiências vividas, por isso a história a ser contada requer pesquisa, datas, verificação de fatos. A precisão dos relatos dá credibilidade aos mesmo e Selva Almada consegue trazer esses pontos para sua narrativa, a riqueza de detalhes situa o leitor sobre como, onde e quando os fatos aconteceram, ela usa informações externas para completar dados e enriquecer os acontecimentos “[...] Mas Andrea Danne estava dormindo quando a apunhalaram, em 16 de novembro de 1986... Naquele tempo ainda não havia televisão a cabo, o sinal era captado por antenas e na região só pegavam o canal 7 de Buenos Aires e o canal 3 de Paysandú [...]” (Almada, 2018, p. 22-23).

E além de suas próprias experiências e lembranças, a autora vasculhou em registros oficiais, documentos de investigação, reportagens de jornal, entrevistas também feitas por ela com parentes, testemunhas, amigos e conhecidos das vítimas, em entrevista para o *El País*, Espanha, Almada discorre que

Es una novela de no ficción, como le llaman algunos. Hice entrevistas, consulté los expedientes de los casos, revisé la prensa de la época, entrevisté a familiares, jueces y fui con una tarotista a que me echara las cartas. Y una vez que hice todo ese trabajo de campo, guardé el material bastante tiempo y cuando apareció una editorial interesada en el libro me puse a escribir. (JAIME, 2015)

Tudo isso serviu como fios condutores da narrativa a fim de reconstituir os últimos passos das três mulheres

A primeira vez que falei com Yogui Quevedo, o irmão de María Luisa que morava com ela na época do assassinato, foi num telefonema que lhe fiz de Buenos Aires. Uma jornalista de Sáenz Peña tinha me passado o celular dele... Passaram-se alguns meses até que eu pude viajar ao Chaco para entrevistá-lo. Tenho parentes em Villa Ángela, uma cidade a cem quilômetros de Sáenz Peña. Vou me hospedar na mesma casa onde, faz uns dois anos, li aquele artigo de jornal que me levou até María Luisa. (Almada, 2018, p. 46-47).

Para a autora a literatura deve estar atenta à realidade, aos conflitos, a dor humana, a dor histórica, trata-se de uma expressão de mundo, por isso a necessidade de se abordar genuinamente temas vivenciados pela sociedade. Em *Garotas Mortas* Almada descreve a paisagem social do interior da Argentina nos anos 80, onde às tragédias contra às mulheres eram algo corriqueiro, como se não houvesse outra opção às mulheres daquela época, isso porque era impossível se ter liberdade num ambiente completamente dominado pelo machismo “Três adolescentes do interior assassinadas nos anos 80, três mortes impunes ocorridas quando em nosso país ainda se ignorava o termo feminicídio...” (ALMADA, 2018, p. 13)

Em uma entrevista organizado pela Secretaria da Mulher do Partido Socialista de Concepción del Uruguay, em 6 de março de 2015 na Universidade Nacional de Entre Ríos (UNER- Canal 20) Selva Almada apresenta e fala sobre o seu livro que trata da morte de três mulheres do interior do país, evidenciando sua relação com os fatos ocorridos:

Quería rescatar la memoria primero de Andrea que era el caso que yo conocía más cercanamente, por que yo vivía todavía en Villa Elisa cuando sucedió, yo era una adolescente, como ella y bueno si a Andrea no lo hubiesen matado hoy tendríamos mas o menos la misma edad, después aparecieron medio fortuitamente los otros dos casos que yo relacione inmediatamente con el de ella porque era de la misma época, porque también eran chicas muy jovencitas, y porque lamentablemente las tres historias quedaron abiertas y nunca se resolvieran sus crímenes, es decir que sus muertes a 30 o mas de 25 años , siguen impunes y sus casos ya están cerrados para la justicia. Entonces quería rescatarlos desde el lugar que yo podía hacer que es el de la escritura. (UNIVERSIDAD NACIONAL DE ENTRE RÍOS, 2015)

E em meio ao contar sobre os assassinatos Almada ainda resgata fatos ocorridos com ela ainda adolescente, em uma passagem cita os riscos que correu ao pegar muitas caronas logo que entrou para a faculdade, pois era um meio de economizar

Quando entrei na faculdade, fui morar com uma amiga em Paraná, capital da província de Entre Ríos, a duzentos quilômetros da minha cidadezinha... Para economizar, começamos a viajar de carona nos finais de semana, quando íamos visitar a família... De vez em quando acontecia um episódio desagradável... Toda vez que eu entrava num carro, a primeira coisa que fazia era localizar o trinco da porta... Outra vez, um cara jovem, num carro luxuoso e que dirigia em alta velocidade, me disse que era ginecologista e começou a falar dos exames que toda mulher deveria fazer periodicamente... E ele, sem para de falar e dirigir, esticou o braço e começou a me apalpar os seios. Gelei, com o cinto de segurança atravessado no peito. Sem afastar os olhos da estrada, o sujeito me disse: você sozinha pode detectar qualquer nódulo suspeito, mexendo assim, está vendo? (ALMADA, 2018, p. 20-21)

São essas algumas das situações que mostram as violências cotidianas às quais as mulheres estão sempre sujeitas, e a desigualdade de gênero potencializa a vulnerabilidade, fazendo com que alguns tipos específicos de violência sejam estatisticamente muito maiores se em comparação com os homens, “Eu cresci escutando mulheres adultas comentarem coisas assim em voz baixa, como se a situação da pobre coitada fosse motivo de vergonha ou como se elas também temessem o agressor.” (ALMADA, 2018, p. 37)

Entretanto, embora a autora afirme, seja por meio de entrevista como já citado ou por meio de seus relatos na própria narrativa, a veracidade dos fatos, considera-se que seja praticamente inevitável que na escrita literária acontecimentos, situações, dados e feitos sejam omitidos intencionalmente ou não, dado que tudo está sendo contado a partir do ponto de vista de uma outra pessoa e por isso as experiências podem ser transformadas, abreviadas ou aumentadas, pois há diferentes versões para uma mesma história.

Lejeune em seu livro *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*, constrói inúmeras formulações sobre o pacto autobiográfico, mas uma característica constante na obra é a manifestação do engajamento pessoal do autor/narrador na construção textual. E assim para que este contrato de leitura se efetive algumas marcas são fundamentais, tais como a afirmação da identidade entre o autor, o narrador e o personagem, o emprego da primeira pessoa no singular e a relação com o próprio processo de escrita. Logo nas primeiras páginas Almada evidencia essas marca

Eu tinha treze anos e, naquela manhã, a notícia da garota morta me chegou como uma revelação. Minha casa, a casa de qualquer adolescente, não era o lugar mais seguro do mundo. Você podia ser morta dentro da sua própria casa. O horror podia viver sob o mesmo teto. (ALMADA, 2018, p. 12)

E considerando que os procedimentos narrativos entre a ficção e o relato autobiográfico são muito similares, há toda uma preocupação sobre a importância de se estabelecer logo no início do texto o pacto autobiográfico, como marca introdutória do relato a ser contado. Assim ocorre no texto de Selva Almada “A manhã de 16 de novembro de 1986 estava clara, sem uma única nuvem, em Villa Elisa, a cidadezinha onde eu nasci e me criei, no centro-leste da província de Entre Ríos.” (2018, p. 09), essas descrições condicionam o relato como verossímil, e sobre essa relação com a verdade Lejeune discorre que

A promessa de dizer a verdade, a distinção entre verdade e mentira constituem a base de todas as relações sociais. Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada tem de ilusório. A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística. (LEJEUNE, 2008, p. 104)

Ainda durante sua passagem pela Flip em 2018 em entrevista concedida a Carta Capital Selva Almada responde porque optou por mesclar suas lembranças com os casos que conta no livro

Bom, isso gerou uma aproximação mais íntima com as leitoras, que se sentem reconhecidas por mim. Não sou uma das vítimas de violência física, mas as histórias em que eu me envolvo no livro são as que muitas passam todo o tempo. Por exemplo, ter medo de passar na frente de um grupo de rapazes, estar sozinha na rua ou coisas que possam passar em um transporte público. Essas situações, ao lado de um feminicídio, de violência física ou psicológica, são muito menores em escala, mas também permitem tomar consciência de que essas pequenas situações armam a trama que permite o feminicídio. (CUBAS, 2018)

Por isso, mesmo em meio a tantas divergências sobre a possibilidade de se escrever um romance autobiográfico, sobre o que é verdade e o que é ficção, aqui a autora consegue oferecer ao leitor relatos detalhados sobre as vítimas. E com isso propõe refletir sobre por que os crimes nunca foram solucionados, compreender como a vítima acaba sempre sendo julgada, além de servir por meio das mulheres, da violência e da literatura como manifesto político para inquietar o seu leitor

Faz um mês que o ano começou. Pelo menos dez mulheres foram assassinadas por serem mulheres. Digo pelo menos porque esses são os nomes que apareceram nos jornais, daquelas que viraram notícia... Estamos no verão e faz calor, quase tanto quanto naquela manhã de 16 de novembro de 1986, quando, de certo modo, este livro começou a ser escrito, quando a garota morta atravessou meu caminho. Agora estou com quarenta anos e, diferentemente dela e dos milhares de mulheres assassinadas em nosso país de lá pra cá, continuo viva. Apenas uma questão de sorte. (ALMADA, 2018, p. 121)

CONCLUSÃO

Sendo assim, podemos perceber que a autobiografia e o conceito de pacto são termos carregados de ambiguidade, contudo em *Garotas Mortas* a autora mantém um discurso com a verdade. A autobiografia constrói a história do eu, e o pacto cumpre sua função social, sua definição de ser o acordo, de fazer valer o contrato com a verdade do eu autor, com o eu narrador para com o leitor, e o pacto se firma a partir desse engajamento da autora em contar sua vida, com ênfase às relações estabelecidas entre memórias, vivências e a escrita de si, aspectos os quais vão caracterizando a sua narrativa como autobiográfica.

Por isso o pacto autobiográfico além de se relacionar com a verdade dos fatos, funciona como uma estratégia de reflexão acerca da situação das mulheres na sociedade. E mesmo em meio às tantas divergências sobre as possibilidades de se escrever uma autobiografia, Selva Almada consegue resgatar e reviver suas lembranças reais do que fora vivido, ao mesmo tempo que reconstrói os assassinatos e com isso ressignificar os acontecimentos. Entretanto, deve-se ficar claro que a busca por definir o pacto autobiográfico é uma tarefa interminável.

Selva Almada expressa isso de modo memorável, seus resgates históricos e a escrita precisa de como as histórias das mulheres podem estar entrelaçadas, independente da esfera social, cultural ou onde geograficamente às situações

aconteçam, o fato de ser mulher traz consigo o peso dos anos, da história, marcada por muita opressão, negacionismo sobre direitos e violência de gênero.

A narrativa de Almada não tem um desfecho, os crimes não são solucionados, não é possível se chegar aos assassinos, os processos de investigação realizados pela justiça ficam em aberto. Porém, com isso a autora consegue por seu leitor para pensar, refletir e se posicionar sobre a existência da violência de gênero, e assim, por meio das memórias que atravessam a morte, a autora cumpre seu desejo de alerta sobre todos os tipos de violência que só ocorrem com as mulheres, além da denúncia ao feminicídio impune, e assim simultaneamente a narrativa de Almada vai se construindo em uma investigação literária e firmando através de seus relatos um pacto de veracidade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto/** Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Denise Bottmann. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todas feministas/**Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Christina Baum. — São Paulo: Editora Schwarcz S.A.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única/**Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Julia Romeu. - 1ª ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMADA, Selva. *Biografia*. Disponível em:< <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=3049>> . Acesso em: 24 de abril de 2021.

ALMADA, Selva. Chicas muertas. *Youtube*, 13 nov. 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LBpESnvgTHk&t=28s>>. Acesso em: 24 de abril de 2021.

ALMADA, Selva. **Garotas mortas**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2018.

ARRUZZA,C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**; tradução Heci Regina Candiani.- 1.ed.- São Paulo: Boitempo, 2019. 128p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/** Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – 10ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e Literatura**, n. 19, p. 91-101, 1991.

CUBAS, Marina Gama. Uma mulher chegar viva a qualquer lugar é questão de sorte. **Carta Capital**, 24 de julho de 2018. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/uma-mulher-chegar-viva-e-uma-questao-de-sorte/>> Acesso em 18 de março de 2022.

DE OLIVEIRA, André. Se conseguirmos a lei do aborto, não será vitória de Macri, mas das feministas. **El País**, Paraty, 29 de julho de 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/27/cultura/1532724667_711159.html> Acesso em 18 de março de 2022.

D'ÁVILA, Manuela. **Revolução Laura**/Manuela D'Ávila.- Caxias do Sul, RS: Belas Letras, 2019. 192p.

DUARTE, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. **Travessia**, n. 21, p. 15-23, 1990.

FLIP 2018. Amada viva. Youtube, 25 de julho de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JdMEF54hRQk>> Acesso em 19 de março de 2022.

GALLEGO CUIÑAS, Ana et al. **Feminismo y literatura (argentina) mundial: Selva Almada, Mariana Enríquez y Samanta Schweblin**. 2020.

GUARDIA, S. B. **Literatura e escrita feminina na América Latina**. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 18, p. 15-44, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/21757917.2013v18nesp1p15>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JAIME, Víctor Núñez. Selva Almada, la escritora rural que sale el mundo. **El País**, Madrid, 16 Setembro 2015. Disponível em <https://elpais.com/cultura/2015/09/16/actualidad/1442421506_312787.html> Acesso em 18 de março de 2022.

KEARNEY, Richard. Narrative. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 409-438, 2012.

KOHLRAUSCH, Regina; DE PAULA KOBOLT, Maria Edilene. Chicas Muertas, De Selva Almada: Três assassinatos e o silenciamento da violência contra as mulheres. **IPOTESI-REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**, v. 23, n. 2, p. 65-78, 2019.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. **Belo Horizonte: UFMG**, 2008.

ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea**. 2014.

SARLO, Beatriz. **Ficciones argentinas: 33 ensayos**. Mardulce, 2012.

SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda**. Recife, 2019.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**/Marcia Tiburi. -12^a ed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 126p.